


Contribuições da alteridade para a leitura e interpretação de textos

Contributions of otherness for the reading and interpretation of texts

 <https://doi.org/10.56238/sevedi76016v22023-029>

Reijane Pandolfi

Graduanda em Letras Português pelo IFES, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória -ES; Especialista em Gênero e Diversidade na Universidade Federal do Espírito Santo/Núcleo de Educação a Distância (2014), UFES/NEAD, Vitória - ES; Mestre em Educação (2012) pela Marymount University Washington, DC-USA; docente permanente de Língua e Literatura Inglesa da EEEM Arnulpho Mattos Goiabeiras, Vitória - ES; e-mail: reijanepandolfi@hotmail.com

Antônio Carlos Gomes

Doutor (2007) em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor titular do IFES - Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, docente permanente do Mestrado Profissional em Humanidades e do Mestrado em Letras - Profletras. Coordenador do curso de Licenciatura em Letras Português EaD

RESUMO

A Alteridade é uma concepção filosófica, social, ética e educacional que se constitui na relação de empatia entre as pessoas, com a prática de uma se colocar no lugar da outra, para entender o que torna essa outra diferente e única. No processo de ensino aprendizagem, a relação entre educador e educando exige uma mútua disposição de trabalhar as expectativas e atitudes diferentes entre si, e com o outro. Assim, sob uma abordagem de natureza qualitativa, este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a presença do exercício de Alteridade nas operações de linguagem envolvendo leitura e interpretação de textos. No trabalho, descrições e definições da Alteridade formuladas por vários autores foram reunidas e, com base nas noções de epilinguagem e da Alteridade, de forma prática, trabalhou-se com o texto “Rapadura” de Raquel de Queiroz e se discutiu a presença da Alteridade na leitura e na interpretação do texto fundamentados na abordagem epilinguística e na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Ao ler e interpretar colocando-se no lugar dos personagens no contexto da história, observando seus movimentos, sentimentos e ações nas relações entre eles, constatou-

se que a Alteridade tem importância tanto na construção de enunciados quanto no diálogo do leitor com o texto. Por fim, há que se ressaltar que a escola tem um papel fundamental na promoção da Alteridade, pois saber como olhar e compreender o outro ajuda a compreender a si mesmo e facilita a reflexão, aceitação, afetividade e, acima de tudo, o diálogo com esse outro.

Palavras-chave: Alteridade, Educação, Leitura, Operações de linguagem, Epilinguística.

ABSTRACT

Alterity is a philosophical, social, ethical and educational concept that is constituted in the relationship of empathy between people, with the practice of putting themselves in the place of the other, to understand what makes the other different and unique. In the teaching-learning process, the relationship between educator and student requires a mutual willingness to work with different expectations and attitudes between each other and with the other. Thus, under a qualitative approach, this work aims to reflect on the presence of the exercise of alterity in language operations involving reading and interpretation of texts. In this work, we gathered descriptions and definitions of alterity formulated by several authors and, based on the notions of epilinguage and alterity, in a practical way, we worked with the text “Rapadura” by Raquel de Queiroz and discussed the presence of Alterity in reading and in the interpretation of this text based on the epilinguistic approach and the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE). Reading and interpreting by putting ourselves in the place of the characters in the context of the story, observing their movements, feelings and actions in the relationships between them made it possible to find out that Alterity is important both in the construction of statements and in the reader's dialogue with the text. Finally, it is understood that the school has a fundamental role in promoting Alterity, since knowing how to look at and understand the Other helps to understand oneself and can facilitate reflection,

acceptance, affection and, above all, dialogue with the other.

Keywords: Alterity, Education, Reading, Language Operations, Epilinguistic.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo, estruturado por meio de uma pesquisa qualitativa predominantemente bibliográfica, tem o objetivo de refletir sobre a presença do exercício de Alteridade nas operações de linguagem envolvendo leitura e interpretação de textos. A fim de alcançar esse objetivo entendemos ser necessário discutir o conceito de Alteridade e demonstrar como a relação intersubjetiva provocada por ela está presente na construção e na compreensão de enunciados, bem como, nas atividades linguísticas.

A Alteridade, que vem do latim *alteritas* ('outro'), é uma noção que parte do pressuposto básico de que todo o ser humano é um ser social, que interage com outro ser humano, em uma relação de interdependência um do outro. Para Flickinger (2018), a Alteridade se trata de uma relação interpessoal aberta, ou seja, uma relação que se qualifica pelo envolvimento existencial entre as pessoas.

Na Alteridade, a percepção do outro como *alter* de mim mesmo é o sentido originário do termo latino que aborda pelo menos três aspectos: tenho aí o outro na medida em que ele vem ao meu encontro como outro de mim mesmo; esse seu vir ao meu encontro me obriga a tomar posição frente a ele; e, esta reação me leva a responder suas perguntas, a aceitar, portanto, uma determinada responsabilidade em relação a ele. Essa, aliás, é a relação propriamente dita de Alteridade.

A noção de Alteridade tem perspectiva plural e híbrida porque não se enquadra em esquemas explicativos generalizantes, de modo que, com base em tal noção, as relações discutidas ancoram-se nas percepções que se têm um do outro. Por isso que críticos como Lévinas (2008), apud Passarelli (2020), consideram a Alteridade um objeto da ética, na medida em que ela trata das relações com o outro.

Para Paterson (2007), quando discutimos o outro, frequentemente focalizamos formas diferentes de Alteridade como se elas estivessem separadas de nossa consciência e identidade. Assim sendo, Alteridade implica um processo cognitivo (e, muitas vezes, ideológico) que se manifesta dentro do sujeito e consequentemente dentro da sociedade. Por isso que a falta da Alteridade está na raiz das guerras, do racismo e da discriminação, sendo imperativo que ela seja exercitada para se desfazer adversidades.

Ao discutir Alteridade a luz de Bakhtin/Volochinov e Vygotsky, apud Magalhães e Oliveira (2011), ressaltaram que os conceitos de dialogia e Alteridade têm apoiado as compreensões e decisões no desenho de pesquisas. Essa dimensão traz o foco para as diferenças existentes nas relações interpessoais, entendidas como forma de compreender o outro e a si mesmo e, por meio da linguagem da e reflexão crítica, aprender com o contrário. Alteridade, nesse sentido, revela-se na capacidade de proporcionar um olhar interior a partir das diferenças. Tais autores enfatizaram a compreensão de que, em um processo colaborativo-crítico,

há necessidade de reconhecimento do outro em mim mesmo, o que gera responsividade e responsabilidade no compromisso de compreensão e de transformação da vida que se vive.

Flickinger (2018) ressaltou a importância da Alteridade nos processos multiculturais. O tradicionalismo e a composição homogênea das populações, além dos efeitos intrínsecos à modernização (neo)liberal dos países – concentração da riqueza, exclusão social de minorias, desigualdade de chances, surgimento de várias subculturas, etc. – fazem aumentar a complexidade social, com conseqüente conflitos de grupos que têm diferentes orientações valorativas e, com frequência, acreditam na superioridade de uma cultura, baseada em critérios técnico-científicos (MAGALHÃES e OLIVEIRA, 2011). Por isso, na contemporaneidade, a Alteridade tem especial atenção na educação e no relativismo cultural.

Segundo Flickinger (2018), um dos segmentos mais envolvidos no manejo desses problemas é o sistema educacional, pois para Santos e Bezerra (2013), a educação tem sofrido grandes abalos no que concerne às relações humanas, sejam elas referentes ao papel social de ser professor, ou de ser aluno. Nesse contexto a política e a *práxis* pedagógica se veem obrigadas a lidar com questões outrora tidas como periféricas como: mal-estar nas populações, convívio pacífico entre culturas estranhas, reação aos novos desafios, vivência multicultural e experiência produtiva, necessitando fazer uso de diretrizes pedagógicas adequadas (FLICKINGER, 2018).

A educação, pensada com base na perspectiva da Alteridade, necessita ser concebida como um processo construído pela relação particular e intensa entre diferentes sujeitos que possuem opções e projetos também diferenciados. Em meio ao processo interativo, ocorre, não apenas a aprendizagem de conceitos, informações, mas, sobretudo, a compreensão dos contextos em que surgem os contatos, os relacionamentos de sujeitos plurais para a apreensão dos elementos que adquirem significados (FLICKINGER, 2018).

O educador e, mais amplamente, a prática pedagógica deve dedicar: particular atenção às relações e aos contextos que vão se criando, de modo a contribuir para a explicitação e elaboração dos sentidos [...] que os sujeitos em relação constroem e reconstroem (FLEURI, 2006, p. 32).

Há que se considerar que a educação lida sempre com o outro, e a questão é saber como se dá essa relação. O grande mito da modernidade educativa, é encontrar o caminho possível para ensinar tudo a todos, ou, dizendo de outro modo, ensinar qualquer coisa a qualquer um. Se é possível um método para nos orientar o pensamento, é possível um método para orientar o pensamento do outro, um método para socializar conhecimentos, de modo que o ato de ensinar tenha relação direta com aquilo que cada um aprende. Só há aprendizado quando algo há para ser acrescentado ou alguém tem alguma coisa a acrescentar (GALLO, 2019).

A abordagem epilinguística tem sua origem na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE)¹. Operar com e sobre a linguagem, sob o viés dessa abordagem, é um exercício constante de

¹ Ao longo deste artigo, sempre que falarmos da Teoria das Operações Predicativas ou Enunciativas (TOPE), de certa forma, estaremos fazendo referência, em maior ou menor grau, à abordagem epilinguística.

selecionar, escolher, testar e descartar palavras para se chegar à representação adequada do que se pretende enunciar. Nessa perspectiva teórica, entendemos que a Alteridade se constitui como um exercício essencial para fazer a leitura e interpretação de textos.

Assim, por meio de uma breve revisão de literatura, na seção seguinte faremos uma aproximação entre Alteridade, linguagem, discurso e enunciado colocando em evidência aspectos filosóficos da linguagem, a fim de estabelecer pressupostos que deem sustentação ao argumento voltado para a necessidade de uma relação orientada pela Alteridade nas operações de linguagem envolvendo leitura e interpretação de textos.

2 A NOÇÃO DE ALTERIDADE, LINGUAGEM, DISCURSO E ENUNCIADO

A linguagem é um processo determinado pela vida social. Esse processo está em permanente evolução, e isso faz do enunciado um *continuum* no fluxo incessante da interação, ligado ao movimento perene da vida social e da história. A interação sempre se dá entre três participantes: o falante, o ouvinte e o tema, fatores que constituem esse discurso, e o discurso é o cenário do acontecimento (BAKHTIN, 1926, p. 199, apud PIRES, 2018).

Segundo Pires (2018), o discurso é um jogo, é movimento, tentativa de transformação e mesmo subversão dos sentidos. O sentido de um discurso jamais é o último: a interpretação é infinita. O que faz evoluir um diálogo entre enunciados é essa possibilidade dos sentidos esquecidos que voltam à memória, provocando neles a renovação em outros contextos.

Neste sentido a Alteridade intervém sempre, pois é um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro que tanto pode ocorrer influenciada pela sociedade ou pela cultura. E o elemento de ligação é a linguagem. Por meio da palavra, defino-me em relação ao outro, e em relação à coletividade. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica (BAKHTIN, 1979, apud PIRES, 2018, p.132).

Dimbarre e Saleh (2020) realizaram uma Pesquisa Etnográfica para analisar como as (re)negociações das identidades foram desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa em duas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental I. Segundo os autores à luz dos estudos bakhtinianos, todas as relações de afirmação e negação sustentavam-se em visões de mundo (dialogismo) e na Alteridade (o outro), em tonalidades valorativas, ideologias, crenças, as quais constroem concepções de sujeitos históricos e sociais, interagindo por meio dos enunciados, dos discursos, nas relações sociais. Os alunos e professores posicionaram-se de maneira distinta nas discussões.

De acordo com Bakhtin (2011), apud Dimbarre e Saleh (2020), o enunciado faz parte da heterogeneidade de gêneros do discurso e são organizados pelas esferas sociais e pelas situações sociais de suas produções. Nesse sentido, na esfera escolar, os enunciados de diferentes gêneros do discurso foram

recontextualizados, ou seja, tomaram outras identidades, outros significados, ao serem direcionados para o desenvolvimento de discussões nas aulas. As palavras foram inseridas criando novos enunciados, ganhando novas significações. Além disso, tomando como referência Bakhtin (2011), às palavras usadas pelos/as alunos/as foram dirigidas ao(s) outro(s) como parte da arena de confronto social, uma vez que elas são constituídas por atitudes responsivas.

Na perspectiva dos estudos de Bakhtin (2011), apud Dimbarre e Saleh (2020), todo agente social desenvolve uma atividade humana por meio de enunciados, nas esferas sociais, os quais são organizados pelos gêneros do discurso. Dessa forma, há interação entre os agentes, há comunicação, que pressupõe ideologias, crenças, atitudes e tonalidades valorativas. É por meio dos diferentes letramentos², relacionados às variadas esferas sociais, que ocorrem os diversos usos da linguagem, resultando em diversificados gêneros do discurso/gêneros discursivos.

Neste contexto, o enunciado é tido como meio fundamental para a construção e apreensão de sentido, visto que a linguagem, como atividade de representação significativa, só é acessível através de sequências de texto, isto é, por meio de padrões de marcadores que são eles próprios traços de operações subjacentes (CULIOLI, 1990, p. 179, apud ALMEIDA e VIEIRA, 2021).

Para Bakhtin (2011), apud Dimbarre e Saleh (2020), a comunicação (discurso) se dá através dos enunciados que fazem uso de palavras. Cada palavra acrescentada no enunciado resulta em um acontecimento novo, envolvendo outros sujeitos, outros enunciados. Os sujeitos são constituídos constantemente por discursos sociais, que advêm de uma cadeia de enunciados – cadeia discursiva – de uma determinada esfera.

Os enunciadores não são indiferentes uns aos outros nem são autossuficientes, reconhecem-se, refletem-se mutuamente. O sentido do enunciado é engendrado pelas condições reais da enunciação e distribui-se entre as diversas vozes que habitam a linguagem. Estabelece-se, assim, um relacionamento dialógico de sentidos entre enunciados. As relações dialógicas são relações semânticas entre todos os enunciados na comunicação verbal (BAKHTIN, 1979, p. 345, apud PIRES, 2018).

Em outras palavras, Bakhtin (2011) afirma que o enunciado é constitutivamente repleto de ecos, de lembranças de outros enunciados e vinculam-se a esferas de comunicação verbal. Em outras palavras, a linguagem é sempre encaminhada a alguém e se concretiza na relação com o outro. Ela é carregada das vozes do outro, de palavras alheias, isto é, de relações dialógicas constitutivas do sentido do enunciado.

A partir dos enunciados, os sujeitos podem, a qualquer momento, reposicionar, questionar e negociar suas identidades. Mas, para que essas tenham sentido, elas também precisam do contexto. Na perspectiva bakhtiniana, é no contexto que os sujeitos dialogam e, sem ele, não pode haver discurso (DIMBARRE e SALEH, 2020).

² Compreende-se por letramento ou literacia o resultado da ação de ler e escrever, entendendo a linguagem como prática social.

Há que se ressaltar que o ser humano, juntamente com seu discurso, sempre presume destinatários e suas respostas, e a compreensão do discurso é um processo ativo e dialógico, portanto tenso. Tal processo traz em seu cerne uma resposta, já que implica sujeitos. Dessa forma a compreensão de um enunciado vivo é sempre prenhe de respostas (BAKHTIN, 1979 apud PIRES, 2018).

Nessa perspectiva a construção de um discurso levaria em consideração a representação que um sujeito tem de seu destinatário, bem como a ressonância dialógica produzida por seus enunciados já proferidos e todos os enunciados de outros sobre o mesmo assunto, retidos em sua memória. Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado. Todo enunciado (discurso, conferência, etc.) é concebido em função de um ouvinte, ou seja, de sua compreensão e de sua resposta, bem como de sua percepção avaliativa (concordância ou discordância) (BAKHTIN, 1979, p. 292 apud PIRES, 2018).

O autor do enunciado deve então avaliar seu destinatário e por aí modelar a forma e o modo de produção de seus enunciados, que serão diversos conforme a situação social e a importância de seu interlocutor, bem como suas posições, convicções e pontos de vista. É no enunciado que se dá o contato entre a língua e a realidade. A escolha das palavras para a construção de um enunciado leva em conta outros enunciados de outros sujeitos, em relação aos quais o locutor se posiciona. Assim, quando reproduzimos o discurso do outro, nele podemos captar uma dupla expressão: a original, do outro e a expressão atualizada que é por nós introduzida no enunciado do qual vai fazer parte (BAKHTIN apud PIRES, 2018).

Na busca pela compreensão, o discurso vai longe, torna-se um elo, entra em um diálogo onde o sentido, além de não ter mais fim, contém toda a memória coletiva do dizer. De fato, a produção do discurso envolve um trio, composto pelo autor, pelo destinatário e por todas as vozes-outras que sempre já nele habitam, pois o diálogo é o acontecimento do encontro e interação com a palavra do(s) outro(s). A Alteridade é então parte de um processo dialógico em que o elemento comum é o discurso (PIRES, 2018).

Entendemos que o discurso é também uma forma de o sujeito enunciadador se reconhecer, instaurando um outro com o qual vai interagir. Esse exercício pode ser entendido também como um movimento enunciativo onde, certamente, as escolhas representativas para dialogar com esse outro levam em conta o juízo que se tem dele ao colocar-se no seu lugar para saber o que externar. No contexto enunciativo eu, o outro e eu estabelecemos uma relação complexa e recíproca balizada pelo contexto enunciativo. Essa relação será nosso objeto de estudo na próxima seção na qual trataremos da Alteridade e operações enunciativas tendo como referencial a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli, utilizando textos em Português de autores ou pesquisadores que se ancoraram nessa teoria.³

³ Não serão usadas diretamente como obras do autor, por isso não serão referenciadas ao lado de Culioli no ano de publicação.

3 ALTERIDADE NAS OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS

Alguns aspectos da linguagem foram objeto de estudos e reflexões filosóficas ao longo da história. Um deles consiste em formular a natureza da relação homem *versus* objeto do conhecimento. Esse aspecto da linguagem, ao longo da história, foi construído em um longo processo de reflexão acerca da natureza da língua, do pensamento, da linguagem e do homem (e das coisas que o cercam e que o constituem), de modo a buscar estabelecer a origem do sentido, que ora atribui-se ao pensamento, ora, ao objeto do conhecimento, ora, à relação entre ambos (DOS SANTOS, 2016).

Na evolução desses estudos, a TOPE teve início – simbolicamente – em 1968, com a publicação do artigo *La formalisation en linguistique*, no qual Antoine Culioli critica o formalismo da gramática e propõe as bases de uma nova teoria. Naquela época, o gerativismo estava em plena expansão, e as ciências da linguagem se encantavam com o aparato mecanicista do computador e suas possibilidades de formalização. Culioli, filólogo especializado em línguas germânicas, criou um seminário de linguística formal na *École Normale de Paris* e inaugurou um projeto sobre a relação entre matemática e ciências humanas. Tratava-se da construção do enunciado e dos parâmetros que a envolvem, como enunciador e enunciatário, em que o sentido é instaurado na relação intersubjetiva (ZAVAGLIA, 2010).

Mais recentemente a abordagem da TOPE centra-se na dinâmica interativa entre as unidades do enunciado, ou seja, busca-se o conjunto de interações que é estabelecido no seio do enunciado para, dessa forma, identificar as características próprias e singulares de cada unidade com as quais lidamos. Assim, podemos compreender como se processa a dinâmica da interação, como as unidades se articulam nos enunciados e quais elementos estão envolvidos nessa dinâmica para engendrar um determinado sentido (ARAÚJO e SILVA, 2021).

A TOPE parte da premissa de que nada é pré-estabelecido, mas construído no e pelo enunciado, na perspectiva dessa teoria o sentido é visto com outro olhar, caminhando na contramão daquele que é traçado pelas teorias semânticas ou apontado como estável pelos dicionários. Ele é formalizado no e pelo contexto numa espécie de negociação entre o eu - enunciador - e o outro - coenunciador. Desse modo, uma das primeiras coisas a se levar em consideração é que não há um sentido central, não há uma hierarquia de sentido no qual um é primeiro e os outros apenas dele derivam (ALMEIDA e VIEIRA, 2021).

A TOPE é, portanto, centrada no sujeito e seu esforço de regulação por meio da linguagem. Ela se aplica ao ensino de línguas na medida em que nos permite ver o esforço do aluno para estabilizar significados, tendo em vista que eles são dinâmicos e variam de acordo com o tempo, o espaço, o sujeito e os eventos implicados na enunciação. Em suma, a TOPE apresenta-nos um referencial de análise que nos possibilita observar o modo como o aluno constrói a significação (PASSARELLI, 2020).

De acordo com a TOPE, a interpretação e a reconstrução de enunciados consistem em atividades que se realizam por meio de um processo - a metalinguística -, e é formulado pelas operações de

⁴representação, referenciação e regulação. Sua natureza é psicossociológica, pois pressupõe, por um lado, uma operação cognitiva e, por outro, uma atividade de configuração de enunciados, em contexto específico de interação (social), num dado tempo e espaço. Caracterizado na forma de conceitos, esse processo constitui o recurso teórico e metodológico, como ponto de partida, para o trabalho da linguística (DOS SANTOS, 2016).

A representação constitui uma atividade mental materializada no enunciado e sua natureza é o resultado de uma atividade cognitiva; a referenciação tem o caráter intersubjetivo – é aquele trabalho silencioso da Alteridade – colocar-se no lugar do coenunciador, pressupor o que ele entende para fornecer as coordenadas que facilitarão compreender o que representa; essa operação situa-se na esfera das relações sociais; já a regulação caracteriza-se pelas aproximações resultantes de varreduras mentais antes e após uma representação; de certa forma regulação é aquele percurso mental que leva às representações dos sujeitos enunciadorees por meio das referências construídas por cada um (GOMES, 2007).

A interlocução, ou o processo da atividade de linguagem, assim compreendida, segundo Culioli (1990), apud Onofre (2011), constitui-se por meio das operações de representação mental, referenciação linguística e regulação intersubjetiva. A representação mental refere-se ao modo de apreensão do mundo pelo sujeito que se faz sempre por meio da interação entre noções em relação, lugar de constituição das identidades e Alteridade nocionais (ONOFRE, 2011).

Assim, uma dada noção, tal como mulher, configura-se por um domínio nocional que ganha contornos diferentes dependendo dos contextos de que participa. Pode estar no domínio nocional da mulher a noção forte/não-forte e os diferentes sujeitos podem perceber diferentemente a relação mulher forte e mulher não-forte, dependendo das suas experiências, podendo até mesmo não reconhecer essa relação. Essa percepção estará marcada na produção de significação, dependendo da localização estabelecida entre essas noções. Assim, podemos ter predicções/enunciações do tipo <o que é mulher forte?>, <mulher, forte?>, <forte mesmo são as mulheres>, <mulher forte, até parece!>, e em cada uma delas vemos uma configuração diferente das relações invariantes de partida. O modo como os indivíduos constroem as suas leituras sobre essas noções estará refletido nas suas representações (predicações) retomadas e reconstituídas em seu diálogo. É um exercício de leitura que o sujeito imprime em seu dizer, quando em regulação (ou equilíbrio) com o seu interlocutor, recorrendo a um sistema de referenciação linguística.

Essa tripla de operações que fundamenta a TOPE sustenta uma concepção interacional acerca da linguagem e do sujeito, vistas enquanto noções que emergem em relação, resultantes de processos psicossociológicos que são traduzidos pela linguagem. É por meio da linguagem e no diálogo que vemos o sujeito constituir-se, por meio de seu trabalho, um trabalho delineado pelas leituras que faz das suas

⁴ Metalinguagem na TOPE pode ser entendida como uma explicação mental que o enunciador dá para si mesmo a fim de referenciar um significado e escolher o que usar para representar uma noção.

experienciações nos mais variados embates dialógicos, permeados por valores físico-culturais (ONOFRE, 2011).

Considerando a instabilidade do sentido inerentes à língua, os estudos enunciativos, na perspectiva da TOPE, proporcionam uma possibilidade infinita de análise linguística. Dentro dessa abordagem, explora-se a relação entre língua e linguagem de modo produtivo, gerando interessantes e necessárias reflexões sobre o ensino de língua materna e também sobre a nossa própria relação com a língua. Esse trabalho contínuo e silencioso sobre a língua(gem) que permite “diversificar os recursos expressivos com que fala e escreve e a operar sobre sua própria linguagem” (FRANCHI, 1977, apud LOPES, 2011) é chamado de epilinguagem. Como destacou Franchi:

Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações (FRANCHI, 1991, p. 36).

Portanto, a abordagem epilinguística tem sua gênese na TOPE e, sob essa perspectiva teórica, entendemos que a Alteridade é um exercício necessário para uma boa leitura e interpretação. Entendemos que ela se materializa quando o leitor, consciente ou inconscientemente, dialoga com o autor e ou com os personagens dos textos. No diálogo a compreensão do outro, de nós mesmos como outros e dos outros em nossas vozes possibilita o entendimento crítico das escolhas feitas em relação às diferenças nos modos de agenciar dos sujeitos nas atividades dentro e fora das representações enunciativas. Isso, como destacam Magalhães e Oliveira (2011), possibilita os questionamentos de nossas escolhas e a criação de novos contextos para que os indivíduos possam perceber-se e perceber a existência do *outro* como necessários ao processo de leitura.

4 ALTERIDADE NA LEITURA E NA INTERPRETAÇÃO

As transformações ocorridas na sociedade contemporânea têm exigido mais da escola, não só que ela ensine conhecimentos, mas que tenha papel fundamental na formação do sujeito. Com isso, a relação social é naturalmente uma relação entre sujeitos: eu-outro, e a escola torna-se um espaço de formação, onde a relação da Alteridade com a educação torna-se indispensável.

A fim de ilustrar a presença efetiva da Alteridade na educação, sobretudo em determinadas atividades de língua portuguesa, neste item será analisada uma proposta de leitura de um conto de Raquel de Queiroz⁵ para mostrar como ela também contribui no processo de leitura. Ressaltamos, entretanto, que para nós a leitura é como um mergulho no texto para entender o que este tem a nos dizer.

⁵ Raquel de Queiroz foi uma romancista, jornalista, tradutora, cronista e escritora brasileira do século XX, considerada uma das principais representantes da Literatura Modernista (Geração de 30) Brasileira. Ela nasceu na cidade de Fortaleza (Ceará) em 17 de novembro de 1910. Faleceu, aos 92 anos, em 4 de novembro de 2003.

Nas questões relativas ao conto não fazemos distinção entre compreensão e interpretação porque tanto procuramos fazer a uma análise objetiva do conteúdo narrado, quanto propomos algumas conclusões ligadas às ideias representadas nas tramas do enredo. Eis o texto na íntegra:

Rapadura

Rachel de Queiroz

Outro dia foi presa uma senhora porque numa banca de mercado, em pleno sábado de feira, agrediu a rival com uma rapadura, dando-lhe uma tijolada que exigiu doze pontos no couro cabeludo. Rapadura é arma perigosa, um paralelepípedo de doce bruto, pesado e com arestas. Batendo de quina pode até matar.

A banca de rapadura era o local de comércio do próprio marido da agressora. Vinha ela descuidosa, passando ali por acaso, e de repente depara com o quadro ofensivo: o marido em idílio público com a Dalila, a Messalina, a loba do seu lar! Ela debruçada no balcão e ele, de dentro, segurava o queixo da sereia e lhe cochichava no ouvido. O monte de rapaduras estava ao lado. Foi só passar a mão na rapadura de cima e virá-la de quina, para castigar mesmo, no pé do ouvido da outra. A agredida se pôs a gritar, com a cara coberta de sangue, e o infiel asperamente ralhou: “Cala a boca, mulher, senão aparece a polícia”.

Mas avisou tarde, porque a polícia já vinha na pessoa de um cabo a quem o idílio adúltero também repugnara, pois de há muito que ele, cabo, suspirava pelos favores da destruidora de lares. Debalde lhe fizera serenatas, com uma radiola cheia de discos do Roberto Carlos; e ela até lhe atirar um sapato pela janela, certa vez em que ele encostara a máquina cantante à rótula, tocando aquela música em que RC declara à amada: “Você vai aprender a ser gente!”

– Quem vai aprender é a mãe, gritara a Julieta ofendida.

Mas o cabo apanhou o pé de sapato como se fosse o chapim da Borracheira, foi na loja do Geraldo e escolheu a sandalhinha mais mimososa que tinha lá, com tiras prateadas e flor de contas no peito do pé. Entregou-a com um bilhete: “Recebi a medida e lhe mando a encomenda”.

A bela pagou com um sorriso. Mas continuou com o homem das rapaduras, que tinha o que gastar com ela. Cabo arranchado mal ganha para o cigarro.

Agora, porém tinha o cabo a sua oportunidade. Mandou a amada para o Samdu, num jipe, e bradou esteje preso para os mais.

Na delegacia a agressora já vinha muito unida ao marido (que a tratava até de meu bem) e declarou à autoridade que de nada se lembrava. Só sabia que vinha fazer umas compras, e passando pela banca de rapadura, viu aquela piranha com os dentes na cara do marido – marido de padre e juiz! – Sentira um escurecimento de vista – e aí não sabia mais de nada.

O delegado, naturalmente, punia pelos direitos de família legítima; e ia passando ao marido, para encerrar perfunctoriamente o caso, quando de súbito aparece a sogra, avisada às pressas. Da rua, a velha vinha gritando. Já sabia que aquilo ia acabar mal, minha filha está farta de sofrer, o sem vergonha do marido não tem rapariga na rua do Baturité que ele não gaste com ela, minha filha devia mesmo era ter lascado a cabeça da vagabunda. E ele ainda bate na pobrezinha, bate de correia, a vizinhança toda sabe!

Aí a mulher do marido interrompeu agastada: “Minha mãe cale sua boca, que o caso é outro. Ninguém está querendo saber se ele me bate. E se bate, bate no que é dele”. (Vide Nelson Rodrigues.)

A sogra engasgou-se com a ingratidão. Desengasgando ia gritando “mal agradecida!”, mas nesse ínterim o delegado se levantara e pedira silêncio. E explicou que o adultério é a peçonha dos lares; embora fosse errado apelar para a violência compreendia-se que a senhora no desvario da privação de sentidos e inteligência, agredisse a rival. Mas afinal não houvera morte, nem queixa registrada, o sangue era pouco, cada um fosse para casa e não pecasse mais. Falou, estava falado.

O cabo correu ao Samdu, onde lhe foi fácil fazer entender à pecadora que não há como a proteção das armas para uma frágil dama delicada.

O marido infiel levou a mulher para casa – conta a vizinhança que lhe deu uma surra para ela deixar de ser valente. E depois foram muito felizes.

QUEIROZ, R. **Rapadura**. Disponível em: <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2012/08/25/rachel-de-queiroz-rapadura/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

Elaboramos algumas questões que permitiram tanto imergir na leitura quanto refletir sobre o papel dos personagens, suas ações dentro do enredo. Vale ressaltar que utilizamos a abordagem epilinguística,

pois, como destaca Stela Miller⁶ a epilinguagem “[...] é o exercício de reflexão sobre o texto lido/escrito e da operação sobre ele a fim de explorá-lo em suas diferentes possibilidades. Dizendo em outras palavras, é a reflexão que quem escreve ou lê faz enquanto escreve ou lê”. Nas atividades procuramos não só entender o que perpassa a trama do enredo, mas sempre que possível dialogar com a história por meio de um jogo de Alteridade, a fim de ocupar o lugar das personagens.

1. O conto lido apresenta um enredo que se organiza em torno de um conflito, que é apresentado já no primeiro parágrafo. Qual é o fato que marca esse conflito? A tijolada demonstra qual sentimento da esposa?
2. Sobre o flagrante, a narrador declara: “Vinha ela descuidosa, passando ali por acaso, e de repente depara com o quadro ofensivo: o marido em idílio público com a Dalila, a messalina, a loba do seu lar!”. Com base nesse fragmento, responda com justificativa: a esposa sabia que o marido a traia?

Ao observarmos a Questão 1 notamos que ela se inicia com a identificação do conflito que marca o começo da trama. Nessa questão também é possível perceber um julgamento do sentimento que mobilizou a atitude da esposa, porém para decifrar sua emoção, é necessário se colocar no lugar dela. Esse mesmo movimento de Alteridade em relação à esposa também se repete na Questão 2.

3. Releia este trecho e, depois, responda ao que se pede.

Ela debruçada ao balcão e ele, de dentro, segurava o queixo da sereia e lhe cochichava no ouvido. O monte de rapaduras estava ao lado. Foi só passar a mão na rapadura de cima e virá-la de quina, para castigar mesmo, no pé do ouvido da outra. A agredida se pôs a gritar, com a cara coberta de sangue, e o infiel asperamente ralhou: “Cala a boca, mulher, senão aparece a polícia”.

- a) Considerando o contexto? Quem agride quem?
 - b) Como você reagiria se estivesse no lugar da esposa?
 - c) Como agiria se estivesse no lugar da amante?
 - d) E se você fosse o marido o que faria?
4. Observe o fragmento: “a polícia já vinha na pessoa de um cabo a quem o idílio adúltero também repugnara”.
- a) Indique duas palavras ou expressões que poderiam substituir o destacado que explicitaria melhor o sentimento do cabo pela adúltera revelado ao longo do conto.
 - b) Como você analisa o comportamento e o romantismo do cabo?
 - c) Você, se fosse um policial, prenderia em flagrante a esposa ou a amante? Por quê?

A Questão 3 é introduzida com uma releitura de parte do conto. A sequência de atividades propostas, de “a” a “d”, é toda estruturada com base na Alteridade de modo que, para responder, o leitor precisa se pôr no lugar da esposa, da amante e do marido, adentrando-se no enredo para a partir dele se posicionar segundo suas próprias convenções sociais.

A Questão 4 inicia com uma atividade envolvendo o vocabulário, mas para resolvê-lo e aos demais itens da questão há a necessidade de o leitor usar a Alteridade colocando-se no lugar do policial para fazer uma avaliação da atitude de tal personagem.

⁶ Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1507/o-trabalho-epilinguistico-na-producao-textual-escrita> – Acesso em 16 de ago. 2022.

5. Considerando o episódio na delegacia e o seu desfecho, você considera a atitude do delegado correta? Por quê? O que você faria no lugar dele?
6. O que a presença da sogra na narrativa, com denúncias e críticas sobre o genro reforça o dito de que “a sogra é a cruz do casamento”?
7. A violência do marido com a mulher no fim do conto (o que nos parece ser rotina) denota uma pitada de humor. No nosso contexto hoje, como essa atitude seria encarada?

As Questões 5, 6 e 7 exploram os desdobramentos do conflito inicial e apresentam o papel do delegado, a intervenção da sogra e uma contextualização do desfecho em relação à realidade do leitor no tempo presente. Mais uma vez a **Alteridade** é fundamental para compreender a movimentação das personagens e para posicionar-se em relação à história, de modo que só colocando-se no lugar do outro é que se pode expressar sua própria ação. Também é possível perceber uma empatia da mãe em relação à filha para julgar o comportamento desprezível do genro.

Após analisar o conto e sua proposição de leitura, entendemos que a Alteridade desempenha um papel significativo na prática leitora e nos diálogos que se estabelecem dentro do texto e com o texto. Conforme Gallo (2019), a educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo, e para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Nesse sentido, o professor e o aluno alternam-se na atividade de colocarem-se um no lugar do outro para garantir que a educação se concretize.

Por fim, parodiando esse pensamento de Gallo (2019) diríamos que nas atividades de linguagem, sobretudo nas operações de linguagem envolvendo a leitura compreensiva de textos, é essencial o exercício da Alteridade, que é de fato a operação subjacente a alternância de posições entre leitor e enunciadores ancorados no texto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões apontadas neste estudo permitem identificar posições sugestivas sobre a questão da Alteridade em sala de aula, sobretudo na prática dos professores de Língua Portuguesa, como nos mostraram as leituras que resultaram neste trabalho.

Após leitura e análise da literatura, ficou claro que a Alteridade, em seu conceito filosófico, social e principalmente educacional deve ser vista como algo mais amplo que um conceito, pois ela é uma realidade concretamente apreendida na prática. Dessa forma, conhecer e reconhecer o outro, e colocar-se em seu lugar, entender suas angústias e sentimentos exige o reconhecimento das diferenças e da unicidade dos indivíduos. Nesse contexto a escola tem papel fundamental para a promoção da Alteridade, pois seu olhar compreensivo sobre aquele outro, pode produzir reflexão, aceitação, afetividade e acima de tudo comunicação e diálogo com o outro, ou seja, a compreensão das diferenças, com fim de uma harmonia e bem estar de todos os envolvidos pode ser facilitada para todos, sejam eles, alunos, professores, família e sociedade.

Por meio de atividades de linguagem, a exemplo a leitura e a interpretação do texto “Rapadura”, torna-se possível operar com e sobre a linguagem de forma que o sujeito enunciador se reconheça, instaurando um outro com o qual vai interagir e isto pode ser entendido também como um movimento enunciativo onde, certamente, as escolhas representativas para dialogar com esse outro levam em conta o juízo que se tem dele, ao colocar-se em seu lugar, para saber o que projetar para o mundo. No contexto enunciativo eu, o outro e eu estabelecemos uma relação complexa e recíproca balizada pelo contexto enunciativo. Isso aproxima o enunciador do enunciado, o eu do outro. Sem essa aproximação não há referências comuns para os sujeitos enunciativos, garantindo eficácia no processo ensino aprendizagem.

Observamos que a Alteridade permeia o processo ensino e aprendizagem da língua, e reside na interação entre os indivíduos, fazendo com que um sujeito específico possa, por vezes, reconhecer-se também na voz do outro, ou dos outros, que na inscrição dos tempos a utilizaram, atribuindo-lhe sentidos. Mesmo em um discurso interior, travado consigo mesmo, pode-se haver o discurso do outro, pois se regula a palavra do outro, para o outro, ou pelo outro, porque a relação com esse outro é parte constitutiva da construção de enunciados.

Este estudo também propiciou reflexões acerca do papel da escola, do docente e, especificamente, do ensino de língua portuguesa, na formação de cidadãos críticos que conheçam, reflitam e disponham de autonomia na hora de fazer escolhas enunciativas. A língua, enquanto prática social, constitui um forte instrumento tanto para a manutenção quanto para a transformação da sociedade.

O docente exerce papel crucial, pois precisa despertar nos alunos, em uma prática cooperativa, a criticidade e a reflexão, de modo que, quando eles lerem e interpretarem um texto, possam visualizar as relações e conteúdos subentendidos. Acreditamos que, nessa perspectiva, a aprendizagem de Língua Portuguesa, assim como de outros componentes curriculares possam mobilizar abordagens que vão além do trabalho com as estruturas linguísticas aparentes, para uma abordagem dos conteúdos culturais em sala de aula. Para tanto, precisamos, quando possível, modificar atividades, ou acrescentar a elas movimentos reflexivos que resgatem das noções os aspectos culturais que as recobrem, visto que muitos materiais didáticos, por mais atualizados que sejam, não estão adaptados para esse trabalho operatório com a linguagem, embora às vezes reconheçam a sua importância.

Há que se ressaltar também a necessidade da Alteridade nas salas de aula, em todas as atividades linguísticas. É improdutivo não pensar com Alteridade quanto se aspira à formação de identidades quando em contato com outros que nos cercam e servem-nos de espelho. Vale lembrar que nas interações sociais por meio da linguagem, são relevantes as propriedades culturais e existenciais que nos compõem, como as crenças, valores e, acima de tudo, o desejo de aceitação ou de oposição ao outro. A dialogicidade torna possível ao sujeito configurar sua identidade e reconhecer a do outro, pois é com a Alteridade que esse processo se torna possível.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Patrícia V.; VIEIRA, Mauricéia S. de P. **Por palavras e gestos: A arte da Linguagem** Curitiba, p. 195-206, Ed. Artemis, Curitiba, 2021.
- ARAÚJO, Andreana C.T.B; SILVA, Deislandia de S. **Enunciação e gramática: o verbo como suporte para o estudo da TOPE**. In: Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem. Org. ALMEIDA, Patrícia V.; VIEIRA, Mauricéia S. de P. Curitiba, p. 195-206, Ed. Artemis, Curitiba, 2021.
- DIMBARRE, Mirely C.; SALEH, Pascoalina B. de O. Identidade, letramento e dialogismo nas aulas de língua portuguesa do 5º ano do Ensino Fundamental I. **Revista educação e linguagens**, Campo Mourão, v. 9, n. 16, jan./jun. 2020.
- DOS SANTOS, Ricardo A. **A teoria das operações enunciativas: perspectivas metodológicas para o ensino da língua materna**. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de graduação em Letras-Inglês. Jaboticabal (MA). 2016.
- FLEURI, Reinaldo M. Políticas da Diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educação sociedade**, Campinas, v. 27, n. 95, maio/ago., 2006.
- FLICKINGER, Hans-Georg. Educação e Alteridade em contexto de sociedade multicultural. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, n. 167 p. 136-149 jan./mar. 2018.
- FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. Trabalhos em Linguística Aplicada, 1991. p. 5-45. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4199956/mod_label/intro/FRANCHI_Criatividade_e_Gramatica_1992.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2022.
- GALLO, Silvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**. 2019. Disponível em: Microsoft Word - Gallo.doc (ufsm.br). Acesso em: 22 maio 2022.
- GOMES, Antônio Carlos. **As operações de linguagem com a marca quando**. 206 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.
- LOPES, Márcia Romero. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011.
- MAGALHÃES, Maria Cecília C.; OLIVEIRA, Wellington. **Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e Alteridade Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 103-115, 1º semestre, 2011.
- ONOFRE, Marília B. Atividade de linguagem: a produção de texto como exercício de regulação intersubjetiva (Language activity: the text production as practice of intersubjective regulation). **Estudos linguísticos**. São Paulo, v. 40, n. 2, p. 741-750, maio/ago. 2011.
- PASSARELLI, Joao Daniel F. **O Ensino de língua estrangeira sob o viés da teoria das operações predicativas e enunciativas: um estudo dos verbos frasais do inglês**. UFSCAR, Centro de Ciências Humanas Departamento de Letras. São Carlos, SP. Disponível em: 2020. Acesso em: junho 2022.
- PATERSON, Janet M. Pensando o conceito de Alteridade hoje. **Aletria. Diálogos**, n. 7, v. 16, jul./dez., 2007. Disponível em: Vista do Pensando o conceito de Alteridade hoje (ufmg.br). Acesso em: 11 abr. 2022.
- PIRES, Vera P. **Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin**. Universidade de Santa Maria, RS. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782/18403>. Acesso em: 15 maio 2022.
- SANTOS, Kátia M.L.; BEZERRA, Ada A.C. **Alteridade e educação na contemporaneidade têm sofrido grandes abalos no que concerne às relações humanas**. 2013. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/download/2042/809>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- ZAVAGLIA, Adriana. **Pequena introdução à teoria das operações enunciativas**. São Paulo: Humanitas, 2016.